

Eu vou erguer
mil paredes pra você, Mara¹

I'll Lift a Thousand Walls
for You, Mara

Juliana Frank*

A voz poética de uma época – bobagem. Não existe mais voz, na rouquidão de Mara, uma ruiva que escreve alto. Ela pode entrar sussurrando nos seus domínios, com delicadeza. Cuidado. Porque sei que está vendo tudo, anota cada mínimo.

“A poesia é sempre o mínimo”.

Poderia escrever “melhor” livro de poesia da atualidade. Assim como acabei de escrever. Porque a disputa aqui – LITERATURA – mostra uma Atena contemporânea que, com sua própria espada, segue o caminho em direção à sozinhez. Vez por outra corta sua própria garganta. A alegria de Mara é queimar-

¹ FRANK, Juliana. Eu vou erguer mil paredes pra você, Mara (Orelha). In: CORADELLO, Mara. *A alegria delicada dos dias comuns*. Vitória: La Donna è Mobile, 2016.

* Escritora.

se nessa fogueira que ela mesma capturou para surgir depois em espírito, ser a cinza. Pra depois, em estado fantasmagórico, puxar o pé, aqui e ali, com alegria de um dia comum, dos mais distraídos.

“Acontece um incêndio. Descaso, criminal, por cigarro, por karma, por curto-circuito, para caber num escrito, enfim: sempre haverá um incêndio”.

Escreve, Mara, sobre incêndios comuns. Escreve outro princípio dele com aquela sabedoria romana de quem aprendeu que a poesia, assim como os dias, precisa ser vivida com atenção. Ouçam a Mara. Devemos olhar uma cachorra Laika, envelhecer, cortar os bigodes e escrever a palavra “lua” com a mesma pompa e circunstância.

“Portanto, envelhecer apavora, / há menos inícios depois de uma certa idade, / Eu penso na cadela Laika, abandonada pelas ruas, até ser convocada e chegar até a Lua.”

Se for preciso, erguerei mil paredes para Mara pixar.

E se de repente acontecer de a polícia levar esta mulher até uma delegacia dentro de uma masmorra ela escreverá como uma Pitonisa de terno desajeitado.

iAristóteles idiota, el sujeto y el predicado en tu puta lógica; puro mierda escolástica mientras consultabas al oráculo, y aquí estamos...

Se necessário, Mara se casará bem de manhã – investida de canção ridícula – com poetas vessos de países distantes, só para resgatar o espetáculo – relato do nosso amor, da nossa miséria. Mara é mãe de um menino, militante, romântica, ruiva, platônica, tamborilante, feminista, sambista e dona de seu próprio nariz. Original porque, eu diria: uma poeta mesmo, com todas as letras.

Prometeu: “nunca ficar amarga”. Seu nome representa a amargura em origens léxicas ancestrais, “mas quer dizer amar”, defende-se, se mudarmos a ordem das sílabas.

Lo único crime, señoras y señores, és la escritura



Capa e contracapa de *A alegria delicada dos dias comuns* com a orelha de Juliana Frank.